



MODELOS DE FUSÃO MUSICAL COMO FERRAMENTAS DE RESISTÊNCIA CULTURAL

MUSICAL FUSION MODELS AS TOOLS OF CULTURAL RESISTANCE

MODELOS DE FUSIÓN MUSICAL COMO HERRAMIENTAS DE RESISTENCIA CULTURAL



<https://doi.org/10.56238/levv16n45-076>

Data de submissão: 26/01/2025

Data de publicação: 26/02/2025

Eder Cecilio Mendes Pinto

RESUMO

Este estudo analisa os modelos de fusão musical enquanto instrumentos de resistência cultural no Brasil, adotando revisão bibliográfica orientada por autores que investigam hip hop, samba-rock e manguebeat, com foco nas dinâmicas de identidade, território e hibridação sonora, busca identificar como práticas estéticas articulam memória, afirmação identitária e estratégias de circulação cultural, evidenciando que a fusão sonora atua como mecanismo de reapropriação simbólica e de construção de repertórios coletivos capazes de contestar hierarquias culturais, a pesquisa destaca ainda o papel das tecnologias digitais na ampliação de públicos e na difusão translocal de sonoridades híbridas, aponta tensões entre autonomia criativa e processos de mercantilização que exigem políticas de salvaguarda cultural e mecanismos de fomento sensíveis à especificidade dos coletivos, por fim sinaliza lacunas para investigações futuras, sobretudo estudos empíricos sobre impactos socioeconômicos, gênero e representatividade nas práticas híbridas, além de avaliações sobre políticas públicas voltadas à proteção do patrimônio imaterial e ao fortalecimento de circuitos autônomos de produção cultural.

Palavras-chave: Fusão Musical. Hibridismo. Resistência Cultural. Samba-rock. Manguebeat. Cultura Cabo-verdiana. Preservação Digital. Morna. Batuku e Funana. Patrimônio Imaterial.

ABSTRACT

This study examines models of musical fusion as instruments of cultural resistance in Brazil, employing a bibliographic review focused on hip hop, samba-rock and manguebeat, with emphasis on identity dynamics, territoriality and sonic hybridization, the analysis identifies how aesthetic practices articulate memory, identity affirmation and circulation strategies, showing that sonic fusion functions as a mechanism of symbolic reappropriation and the construction of collective repertoires that challenge cultural hierarchies, the research also highlights the role of digital technologies in expanding audiences and enabling translocal diffusion of hybrid sonorities, it points to tensions between creative autonomy and processes of commodification that call for cultural safeguarding policies and targeted funding mechanisms for collectives, finally it indicates avenues for future research, particularly empirical studies on socioeconomic impacts, gender and representativeness in hybrid practices, and assessments of public policies aimed at protecting intangible heritage and strengthening autonomous cultural production circuits.

Keywords: Musical Fusion. Hybridization. Cultural Resistance. Samba-rock. Manguebeat. Cape Verdean Culture. Digital Preservation. Morna. Batuku and Funana. Intangible Heritage.



RESUMEN

Este estudio analiza los modelos de fusión musical como instrumentos de resistencia cultural en Brasil, mediante una revisión bibliográfica de autores que investigan el hip hop, el samba-rock y el manguebeat, centrándose en la dinámica de la identidad, el territorio y la hibridación sonora. Busca identificar cómo las prácticas estéticas articulan la memoria, la afirmación de la identidad y las estrategias de circulación cultural, destacando que la fusión sonora actúa como un mecanismo de reappropriación simbólica y construcción de repertorios colectivos capaces de desafiar las jerarquías culturales. La investigación también resalta el papel de las tecnologías digitales en la expansión de audiencias y en la difusión translocal de sonidos híbridos. Señala las tensiones entre la autonomía creativa y los procesos de mercantilización que requieren políticas de salvaguardia cultural y mecanismos de financiación sensibles a la especificidad de los colectivos. Finalmente, indica lagunas para futuras investigaciones, especialmente estudios empíricos sobre los impactos socioeconómicos, el género y la representatividad en las prácticas híbridas, así como evaluaciones de políticas públicas dirigidas a proteger el patrimonio inmaterial y fortalecer los circuitos autónomos de producción cultural.

Palabras clave: Fusión Musical. Hibridación. Resistencia Cultural. Samba-rock. Manguebeat. Cultura Caboverdiana. Preservación Digital. Morna. Batuku y Funana. Patrimonio Inmaterial.

1 INTRODUÇÃO

A música, enquanto manifestação estética e social, configura-se como uma das mais poderosas formas de expressão cultural, sendo capaz de traduzir identidades, resistências e modos de pertencimento que atravessam gerações e contextos sociopolíticos distintos, refletindo movimentos coletivos que buscam afirmar sua presença diante de estruturas históricas de opressão e silenciamento, articulando-se como instrumento de contestação, afirmação e reconstrução de narrativas sobre o ser e o existir no território brasileiro (Fernandes, 2019).

O cenário musical brasileiro se constrói sobre um terreno fértil de misturas, onde o diálogo entre matrizes africanas, indígenas e europeias deu origem a sonoridades plurais que ultrapassam a categoria de estilos, constituindo-se em verdadeiros sistemas simbólicos de resistência, os quais reconfiguram fronteiras identitárias e desafiam hierarquias culturais estabelecidas, promovendo fusões entre ritmos, linguagens e corpos que expressam múltiplas visões de mundo (Oliveira, 2004).

Esses modelos de fusão musical emergem como expressões legítimas de resistência cultural, revelando estratégias de sobrevivência estética diante da homogeneização imposta pela indústria cultural globalizada, consolidando um discurso que valoriza o local, o periférico e o marginalizado como campos de produção de sentido e de legitimidade simbólica, capazes de redefinir a cultura dominante e reposicionar sujeitos historicamente silenciados (Souza, 2025).

Ao longo das últimas décadas, a incorporação de novos elementos tecnológicos e comunicacionais permitiu que gêneros musicais como o hip hop, o samba-rock, o manguebeat e o tecnobrega se tornassem espaços de hibridação cultural, articulando linguagens sonoras, visuais e performáticas em uma estética que reivindica autenticidade e autonomia, transformando o som em território de resistência, crítica social e inovação simbólica (Novais, 2021).

O fenômeno da fusão musical reflete, assim, uma busca pela reconstrução das identidades coletivas, nas quais o passado é reinterpretado e ressignificado através da criação artística, permitindo que vozes marginalizadas encontrem na música um canal de enunciação e emancipação, construindo narrativas alternativas às versões oficiais da história e reforçando a memória de grupos historicamente subalternizados (Paula, 2011).

Nesse contexto, o samba-rock consolidou-se como uma das mais emblemáticas expressões dessa mistura, integrando elementos do samba tradicional, do soul e do rock para construir uma estética que sintetiza a alegria, a resistência e a afirmação da cultura negra urbana, configurando-se como símbolo de identidade e orgulho coletivo diante das tentativas de apagamento cultural (Elia, 2019).

De modo semelhante, o movimento manguebeat emergiu nos anos 1990 como uma resposta criativa às desigualdades e à estagnação cultural de Recife, propondo uma síntese entre o regional e o global, o orgânico e o tecnológico, projetando o Nordeste no cenário internacional e revelando a

potência de uma cultura periférica capaz de reinventar sua própria narrativa por meio da música (Moreira, 2019).

As experiências do hip hop, por sua vez, ampliaram as dimensões políticas e pedagógicas da música, transformando o espaço urbano em palco de discursos que denunciam o racismo estrutural, a exclusão e a desigualdade social, convertendo a arte em ferramenta de conscientização e mobilização coletiva, sobretudo entre jovens das periferias (Fernandes, 2019).

A importância de compreender os modelos de fusão musical como ferramentas de resistência cultural reside na capacidade desses movimentos de articular crítica e criação, de modo que cada batida, cada melodia e cada verso carregam significados que ultrapassam o entretenimento, tornando-se manifestações conscientes de identidade, pertencimento e disputa simbólica em uma sociedade marcada por contrastes e desigualdades (Alves, 2015).

A presente pesquisa tem como objetivo analisar como os modelos de fusão musical se configuram como instrumentos de resistência cultural no Brasil, investigando de que forma gêneros como o samba-rock, o hip hop e o manguebeat articulam estética e política na construção de identidades coletivas e na promoção de novas formas de visibilidade social, evidenciando o papel da música como meio de expressão e de luta por reconhecimento.

A justificativa desta investigação fundamenta-se na relevância de compreender a música como fenômeno social e político, uma vez que ela representa um campo de disputa simbólica onde se constroem e se tensionam significados acerca da identidade nacional, da memória e da diversidade cultural, servindo de contraponto à lógica hegemônica de padronização estética e de controle ideológico, além de ampliar o entendimento sobre a arte como forma de resistência ativa e de transformação social.

Ademais, compreender os modelos de fusão musical sob essa perspectiva permite reconhecer a música como patrimônio imaterial e força de coesão social, cuja potência transcende os limites da arte para constituir-se em instrumento de reexistência, através do qual grupos subalternizados reafirmam sua humanidade e protagonismo histórico, perpetuando um legado de liberdade e criação contínua.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FUSÃO MUSICAL E IDENTIDADE CULTURAL

A fusão musical, enquanto fenômeno estético e sociocultural, representa a síntese de diferentes matrizes simbólicas que dialogam entre si e produzem novas formas de expressão, caracterizando-se como um processo de hibridação que ultrapassa as fronteiras do gênero e das convenções musicais, configurando-se em um movimento de resistência e de reconstrução de identidades culturais diante da padronização global (Novais, 2021).

Ao longo da história da música brasileira, essa fusão assumiu papel central na formação de uma identidade sonora que traduz a complexidade do país, sendo o resultado de trocas entre tradições africanas, indígenas e europeias, e expressando-se como um espaço de diálogo entre o ancestral e o contemporâneo, o popular e o erudito, o local e o universal (Oliveira, 2004).

A mestiçagem sonora presente em gêneros como o samba, o maracatu, o frevo e o hip hop revela uma estética marcada pela criatividade e pela resistência, onde os sujeitos coletivos se afirmam através da música, produzindo sentidos de pertencimento e rompendo com modelos hegemônicos de representação cultural, o que demonstra que a arte sonora é, em si mesma, uma forma de reexistência (Alves, 2015).

No contexto da fusão musical, a criação artística deixa de ser apenas um exercício técnico e se converte em instrumento de afirmação política, revelando a capacidade das periferias e comunidades marginalizadas de transformarem a adversidade em potência criadora, e de usarem o som como arma simbólica de contestação e reconstrução identitária (Fernandes, 2019).

O samba-rock exemplifica esse movimento de maneira exemplar, ao unir o balanço do samba ao groove do soul e à energia do rock, gerando uma linguagem musical que expressa a vivência urbana e negra de São Paulo, reforçando a coletividade e reconfigurando a forma como a cultura periférica se manifesta e se reconhece (Elia, 2019).

Esse processo de fusão entre ritmos e referências culturais diversas reflete a dinâmica da identidade brasileira, que se constrói pela incorporação de diferenças e pela constante reelaboração de símbolos, mostrando que a música é um dos campos mais férteis de resistência e de produção de sentidos plurais (Santos, 2020).

Ao integrar elementos locais e globais, os modelos de fusão musical reafirmam a capacidade de adaptação das culturas populares, ao mesmo tempo em que denunciam as desigualdades e exclusões que atravessam as relações sociais, transformando o espaço sonoro em território de resistência e de comunicação política (Paula, 2011).

A identidade cultural expressa na fusão musical é construída coletivamente, por meio de práticas sociais, performances e discursos que se materializam na arte, e que contribuem para a valorização de memórias e saberes ancestrais, configurando uma resposta ativa às tentativas de homogeneização cultural e de silenciamento das vozes periféricas (Souza, 2025).

No caso do manguebeat, o hibridismo entre maracatu, rock, eletrônica e poesia urbana de Recife expressa a capacidade do movimento de dialogar com as tecnologias globais sem abandonar suas raízes locais, propondo uma estética que valoriza o regionalismo como ponto de partida para uma universalidade crítica e criadora (Moreira, 2019).

A música, nesse sentido, torna-se um instrumento de reinterpretação do real, atuando como espelho e voz das comunidades, e permitindo que novas narrativas sobre o Brasil sejam construídas a

partir de quem sempre esteve nas margens, evidenciando a força simbólica da fusão musical como meio de emancipação coletiva (Novais, 2021).

O encontro entre diferentes estilos e sonoridades não resulta em perda de identidade, mas na ampliação de repertórios e no fortalecimento das raízes culturais, já que cada fusão carrega em si a memória e a luta de um povo, convertendo o ato criativo em manifestação política que desafia as estruturas de poder estabelecidas (Oliveira, 2004).

2.2 MÚSICA, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA CULTURAL

A relação entre música e território é indissociável quando se busca compreender a resistência cultural expressa em contextos de desigualdade e exclusão, uma vez que cada manifestação sonora nasce de um espaço social específico e reflete as tensões, os conflitos e as esperanças de seu povo, revelando o modo como os sujeitos coletivos se apropriam do som para reivindicar o direito de existir e de ser reconhecidos em sua pluralidade (Paula, 2011).

Os modelos de fusão musical emergem como instrumentos de territorialização simbólica, em que o ato de compor e performar se converte em um gesto político que reafirma a presença das periferias no espaço urbano, desafiando a lógica da invisibilidade e construindo novas formas de pertencimento através da arte, transformando o som em fronteira móvel de resistência (Souza, 2025).

A musicalidade periférica brasileira, especialmente no hip hop e no samba-rock, mostra que a criação coletiva ultrapassa o entretenimento e se estabelece como prática de conscientização e denúncia, em que o ritmo e a poesia assumem o papel de narradores sociais, traduzindo a experiência vivida em territórios historicamente marcados pela exclusão (Fernandes, 2019).

O território da música, nesse sentido, é também o território da memória, pois cada batida carrega a herança cultural dos povos que resistiram às imposições coloniais e ao apagamento histórico, preservando saberes e tradições que se perpetuam nas práticas sonoras e corporais, evidenciando a potência da arte como instrumento de continuidade e reexistência (Alves, 2015).

O movimento manguebeat simboliza essa integração entre território e criação, pois ao emergir em Recife, uma cidade marcada por desigualdades, transformou o ambiente urbano em metáfora de vitalidade e ressignificação, articulando o maracatu com o rock e a música eletrônica, criando uma linguagem que desafiou os limites entre o local e o global, tornando-se símbolo de uma resistência cosmopolita (Moreira, 2019).

Da mesma forma, o samba-rock se consolidou como expressão de identidade e resistência da população negra paulistana, representando a afirmação de uma cultura que sobreviveu ao racismo estrutural e às tentativas de marginalização, e que através da dança, da música e da coletividade, reconstruiu laços sociais e deu visibilidade à força da cultura afro-brasileira no espaço urbano (Santos, 2020).

O território musical das periferias é, portanto, um campo de disputa simbólica, onde se reconfiguram as fronteiras entre centro e margem, e onde o som assume papel de resistência cotidiana, revelando que o ato de produzir música é, ao mesmo tempo, um ato de insurgência contra o silenciamento e um exercício de autonomia cultural (Novais, 2021).

Os processos de fusão que caracterizam essas manifestações não ocorrem de maneira espontânea, mas resultam de interações complexas entre influências globais e experiências locais, nas quais os músicos reinterpretam referências externas sob o prisma de suas vivências, gerando estéticas singulares que expressam suas realidades e fortalecem suas identidades (Elia, 2019).

Nesse contexto, a resistência cultural não se limita à oposição direta, mas se manifesta como reconstrução simbólica e apropriação criativa dos elementos disponíveis, revelando a capacidade das comunidades de ressignificar o que lhes é imposto e de transformar o produto cultural em meio de emancipação e afirmação coletiva (Oliveira, 2004).

As práticas musicais urbanas se convertem, assim, em ferramentas de formação crítica e de produção de saberes, contribuindo para a construção de uma consciência social e política, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o reconhecimento mútuo entre grupos que compartilham histórias e lutas (Souza, 2025).

O território sonoro das periferias, impregnado de vozes plurais, evidencia que a música é mais que representação estética, é linguagem de resistência, memória e transformação, que dá corpo e sentido às narrativas silenciadas pela história oficial, devolvendo-lhes protagonismo e visibilidade social (Fernandes, 2019).

2.3 HIBRIDAÇÃO SONORA E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

A hibridação sonora representa um dos fenômenos mais significativos da arte contemporânea brasileira, pois traduz o entrelaçamento de diferentes linguagens, memórias e territórios culturais em um mesmo fluxo criativo, revelando que a música se constrói como espaço de resistência e reinvenção constante diante de contextos marcados pela desigualdade social e pela tentativa de homogeneização estética (Oliveira, 2004).

Essa mistura de ritmos e influências ultrapassa os limites formais da composição musical e se manifesta como processo social de reconstrução identitária, em que as comunidades ressignificam elementos herdados de suas ancestralidades e os transformam em novas narrativas, consolidando a arte como meio de continuidade e emancipação simbólica (Alves, 2015).

O hibridismo musical expressa, portanto, uma prática política e poética, através da qual os artistas reinterpretam o cotidiano e o convertem em linguagem crítica, fortalecendo o vínculo entre criação, consciência social e pertença coletiva, o que faz da música um veículo de transformação da realidade (Souza, 2025).

O hip hop exemplifica de maneira notável essa dimensão da fusão sonora, pois ao unir ritmo, palavra e performance, estabelece pontes entre cultura, território e cidadania, possibilitando que a arte funcione como instrumento de denúncia, afirmação identitária e valorização das periferias urbanas (Fernandes, 2019).

O movimento manguebeat segue a mesma linha de renovação ao fundir maracatu, rock e música eletrônica em um discurso que defende a vitalidade das culturas regionais, demonstrando que o encontro entre o local e o global pode gerar um projeto artístico capaz de desafiar padrões e reafirmar a força criadora do Nordeste (Moreira, 2019).

A estética do samba-rock reforça o mesmo princípio ao converter o balanço do samba e a energia do soul em expressão da identidade negra paulistana, evidenciando como a mistura de referências musicais se transforma em símbolo de resistência e orgulho coletivo diante de um cenário histórico de exclusão racial (Elia, 2019).

Esses processos de fusão musical ampliam a compreensão do papel social da arte, pois demonstram que a criação estética é também ação política, já que promove encontros entre mundos, gera trocas simbólicas e contribui para o fortalecimento da consciência comunitária (Santos, 2020).

O hibridismo, ao integrar diferentes matrizes culturais, não dissolve identidades, mas amplia possibilidades de expressão, reafirmando que cada forma sonora traz consigo a marca de quem a produz, consolidando a música como espelho de uma coletividade em movimento e como herança viva de lutas históricas (Novais, 2021).

Com isso, a fusão de estilos representa, nesse sentido, um campo fértil de invenção e resistência, no qual o diálogo entre o ancestral e o contemporâneo permite que novas linguagens se formem, promovendo reconhecimento e visibilidade a grupos que antes estavam à margem dos espaços institucionais da arte (Paula, 2011).

Os artistas que se dedicam a essa hibridação sonora atuam como mediadores de mundos, pois ao criar novas combinações rítmicas e temáticas, produzem pontes entre passado e presente, transformando a música em um meio de preservação da memória e de construção de futuros possíveis (Alves, 2015).

Cada fusão realizada em território brasileiro carrega o gesto de resistência de um povo que transforma dor em arte e exclusão em potência criadora, reafirmando que a música não se limita ao entretenimento, mas cumpre papel essencial na construção de identidades e na manutenção da diversidade cultural (Souza, 2025).

Assim, a fusão musical, ao reunir diferentes vozes, traduz o poder da coletividade e a capacidade humana de criar beleza mesmo em meio à adversidade, tornando-se símbolo de continuidade histórica e de transformação social que mantém viva a chama da resistência cultural brasileira (Fernandes, 2019).

3 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida baseia-se em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório, fundamentada no método de revisão bibliográfica, com o intuito de reunir, analisar e interpretar produções científicas que abordam os modelos de fusão musical como instrumentos de resistência cultural, buscando compreender como diferentes expressões sonoras brasileiras se articulam em torno de processos identitários e transformações sociais (Lakatos; Marconi, 2003).

Segundo Lakatos e Marconi, o método de revisão bibliográfica é adequado quando se pretende compreender fenômenos sociais a partir do conhecimento acumulado, pois permite identificar abordagens teóricas, lacunas e convergências nas discussões acadêmicas, fornecendo base sólida para interpretações críticas e reflexivas acerca do tema em análise (Lakatos; Marconi, 2003).

Gil (2008) complementa essa perspectiva ao destacar que a revisão bibliográfica consiste em uma etapa fundamental para o desenvolvimento de pesquisas em ciências humanas, uma vez que oferece um panorama abrangente sobre o objeto estudado, favorecendo a compreensão dos contextos em que as ideias foram produzidas e a identificação das contribuições teóricas relevantes.

A escolha pela pesquisa qualitativa justifica-se pela natureza simbólica do objeto, visto que a música e seus desdobramentos culturais envolvem dimensões subjetivas, históricas e sociais que não podem ser traduzidas por meio de dados quantitativos, exigindo um olhar interpretativo e sensível para as relações entre som, território, identidade e resistência (Gil, 2008).

O estudo seguiu as etapas propostas por Lakatos e Marconi, que envolvem a seleção do tema, o levantamento das fontes teóricas, a leitura exploratória e analítica dos materiais, e a organização dos conteúdos em categorias conceituais, de modo a possibilitar a sistematização das informações e a construção de uma argumentação coerente com o problema de pesquisa (Lakatos; Marconi, 2003).

As fontes utilizadas foram compostas por artigos científicos disponíveis em periódicos brasileiros, monografias e trabalhos acadêmicos que discutem o papel da fusão musical no contexto da resistência cultural, privilegiando publicações que abordam o hip hop, o samba-rock e o movimento manguebeat como expressões simbólicas de luta e de inovação estética (Gil, 2008).

Durante o processo de análise, realizou-se uma leitura crítica e comparativa dos textos, observando-se as convergências teóricas e as abordagens metodológicas utilizadas por cada autor, a fim de compreender como a fusão musical é tratada enquanto prática social e enquanto fenômeno de transformação cultural, reafirmando sua relevância no contexto das artes e das ciências sociais (Lakatos; Marconi, 2003).

A organização das informações se deu por meio de categorias temáticas, estruturadas a partir de três eixos centrais: fusão musical e identidade cultural; música, território e resistência; e hibridação sonora e transformação social, permitindo uma leitura integrada das manifestações artísticas como instrumentos de reconstrução simbólica e de valorização da diversidade (Gil, 2008).

A abordagem adotada busca preservar a coerência entre teoria e prática, valorizando as experiências musicais como expressão de resistência e reafirmação identitária, ao mesmo tempo em que propõe uma leitura crítica das estruturas sociais que moldam o fazer artístico, reafirmando o papel da cultura na consolidação de novos paradigmas sociais (Lakatos; Marconi, 2003).

Dessa forma, o método de revisão bibliográfica fundamenta-se na análise rigorosa de produções científicas que tratam a música como prática social e política, oferecendo um panorama interpretativo capaz de revelar como a fusão musical se transforma em ferramenta de resistência e de renovação simbólica, fortalecendo a compreensão da arte como campo de liberdade e emancipação coletiva.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados desta revisão revelam que os modelos de fusão musical atuam como dispositivos estéticos e políticos que articulam práticas de resistência coletiva, permitindo que comunidades periféricas transformem experiências de exclusão em repertórios sonoros reconhecíveis e mobilizadores, de modo que a música se torna espaço de enunciação e de disputa simbólica, condição que se manifesta nas letras, nas batidas e nas formas de circulação adotadas pelos agentes culturais (Fernandes, 2019).

A análise indica que a construção da identidade por meio da fusão sonora envolve a reapropriação de memória ancestral e a reelaboração de símbolos comunitários, processos que reforçam a pertença e a continuidade histórica, constituindo uma gama de repertórios onde o passado e o presente se entrelaçam para produzir sentidos novos e mobilizadores, reforço que qualifica a música como vetor de manutenção e transformação identitária (Oliveira, 2004).

Observa-se também que a resiliência comunitária se manifesta nas práticas coletivas de produção e difusão musical, em que redes locais, produtores independentes e espaços informais de apresentação fomentam ecossistemas culturais autônomos, estratégia que assegura a reprodução de saberes e a criação de alternativas econômicas e simbólicas frente às restrições do mercado mainstream (Alves, 2015).

O estudo de caso do manguebeat evidencia a potência da fusão ao combinar maracatu, rock e eletrônica para elaborar uma estética que problematiza relações urbanas e ambientais, produzindo um discurso crítico que projeta o regional em cena nacional e internacional, resultado que demonstra como a hibridação pode servir de instrumento de reconhecimento simbólico e de intervenção cultural em contextos periféricos (Novais et al., 2021).

No que tange ao samba-rock, os resultados mostram que a incorporação de elementos do soul e do rock ao samba produziu um estilo performativo que consolida práticas de sociabilidade e resistência nas festas e nos bailes, fenômeno que revela a dimensão corporal da resistência e o papel

da dança como dispositivo de afirmação identitária, espaço onde se articulam memória, afeto e política cultural (Elia, 2019).

As evidências relativas ao hip hop ressaltam seu caráter pedagógico e mobilizador, uma vez que o gênero converte o cotidiano em material discursivo, promovendo práticas de alfabetização política e cultural entre jovens, atuação que amplia o alcance da resistência ao transformar saberes locais em conhecimentos circulantes e reconhecíveis em instâncias sociais mais amplas (Souza et al., 2025).

A pesquisa indica que a apropriação tecnológica e as novas mídias ampliaram as possibilidades de hibridação e de difusão, pois plataformas digitais e técnicas de produção acessíveis permitem experimentações sonoras que cruzam fronteiras geográficas, possibilitando a circulação translocal de sonoridades híbridas e a formação de públicos conectados em rede, processo que reconfigura relações de poder na indústria cultural (Moreira et al., 2019).

Entretanto, verifica-se tensão entre autonomia criativa e processos de mercantilização, visto que a entrada em circuitos comerciais pode implicar a padronização estética e a instrumentalização da resistência, desafio que exige estratégias de salvaguarda cultural e possibilidades institucionais de fomento que reconheçam o valor simbólico dessas práticas sem as reduzir a mercadoria (Santos, 2020).

A dimensão performativa da fusão musical, observada por meio de práticas de palco, de ocupação de espaços públicos e de rituais coletivos, revela como o corpo e a materialidade sonora constituem arenas de contestação e de afirmação, condução que confirma o papel central da performatividade na legitimação de discursos e na circulação de memórias comunitárias (Paula, 2011).

Os dados também apontam para a importância do reconhecimento institucional e do registro como patrimônio imaterial, medidas que garantem visibilidade e proteção às formas híbridas de expressão, ao passo que políticas culturais sensíveis às especificidades locais podem ampliar o acesso a recursos e fortalecer iniciativas que preservem a diversidade sonora frente a modelos hegemônicos de produção cultural (Moreira et al., 2019).

A articulação entre contextos locais e redes translocais demonstra que a fusão musical produz formas de solidariedade criativa e de intercâmbio simbólico, estrutura que amplia oportunidades de cooperação entre coletivos, produtoras e pesquisadores, reforçando a ideia de que a circulação de saberes musicais hibridados contribui para a constituição de movimentos culturais mais resilientes e politizados (Fernandes et al., 2019).

Contudo, a revisão evidencia lacunas e caminhos para pesquisa futura, entre os quais estudos empíricos aprofundados sobre impactos socioeconômicos das fusões musicais, investigações sobre gênero e representatividade nas práticas híbridas, e avaliações sobre políticas públicas de proteção cultural, apontamentos que orientam intervenções acadêmicas e políticas capazes de valorizar e proteger a diversidade sonora investigada (Santos, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os modelos de fusão musical, ao entrelaçarem matrizes sonoras diversas, revelam-se como práticas vivas de resistência cultural, posicionando a criação artística enquanto espaço de reexistência coletiva, onde sujeitos marginalizados reconstruem narrativas históricas e afirmam identidades por meio de linguagens sonoras que circulam e se renovam em territórios urbanos e regionais, reafirmando a potência do fazer musical como ação política e estética.

A musicagem híbrida atua sobre o tecido social ao constituir redes de sociabilidade que fortalecem laços comunitários, promovendo encontros intergeracionais que resgatam memórias ancestrais e geram repertórios novos, processos que sustentam formas de solidariedade cultural capazes de garantir continuidade, reconhecimento e visibilidade às expressões periféricas em múltiplos cenários de disputa simbólica.

A dinâmica entre tecnologia e produção cultural demonstrou ampliar possibilidades de experimentação e circulação, uma vez que ferramentas digitais e plataformas de difusão democratizam o acesso à produção sonora, facilitam alianças translocais e criam audiências conectadas, trazendo desafios relativos à economia criativa que demandam atenção sobre autoria, remuneração e sustentabilidade dos coletivos que produzem estéticas híbridas.

Identificou-se uma tensão recorrente entre autonomia criativa e pressões de mercantilização, situação que exige estratégias de salvaguarda cultural que valorizem a especificidade das práticas locais, promoção de políticas públicas sensíveis às formas de expressão híbrida, e a construção de mecanismos institucionais que assegurem infraestrutura, financiamento e formação sem submeter essas manifestações a regimes de padronização cultural.

A potência pedagógica dessas manifestações merece destaque, pois o uso da música enquanto espaço de ensino e conscientização potencializa processos de alfabetização cultural e cidadã, estimulando o pensamento crítico e a produção de saberes locais que contribuem para a inclusão social, para o empoderamento de jovens e para a geração de alternativas educacionais enraizadas nas próprias comunidades.

No plano investigativo, verifica-se a necessidade de aprofundar estudos empíricos que avaliem impactos socioeconômicos, trajetórias de carreira dos agentes culturais, e as relações de gênero e raça nas práticas híbridas, demanda que aponta para abordagens interdisciplinares capazes de articular antropologia, sociologia, musicologia e políticas culturais, ampliando a compreensão sobre como a fusão musical opera em diferentes escalas e contextos.

Recomenda-se, portanto, o desenvolvimento de políticas públicas que incorporem linhas de fomento específicas para práticas híbridas, a criação de espaços de incubação cultural, programas de formação técnica e de gestão para coletivos, e ações de registro e proteção do patrimônio imaterial que



reconheçam a diversidade sonora como recurso estratégico para desenvolvimento local e para fortalecimento da democracia cultural.

Encerra-se reconhecendo que a fusão musical constitui um arquivo vivo da experiência social brasileira, recurso simbólico e prático que sustenta processos de resistência e de invenção coletiva, convite permanente à pesquisa, ao apoio institucional e à escuta comprometida com a preservação das vozes que, através da música, mantêm acesa a possibilidade de transformação e de esperança.



REFERÊNCIAS

- ALVES, Cristiano Nunes. Recife, dinâmica urbana e cena manguebeat. *Ra'e Ga*, v. 35, 2015.
- ELIA, Bianca Mafra. Projeto Groove 011 e a cultura samba-rock na cidade de São Paulo. *Anais do Encontro Nacional de Estudos Culturais (ENECAST)*, UFBA, 2019.
- FERNANDES, Gilson; AZEVEDO, Núbia; SANTOS, Solange; PRATA, Nair. O rap como ferramenta de resistência: a influência da musicalidade de Djonga para a construção de sentido da luta negra no País. *Intercom Sudeste*, 2019.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MOREIRA, Guilherme Cândido; BELTRÃO, Beatriz Monteiro. Uma análise sobre o hibridismo cultural no manguebeat. *Anais do Encontro Nacional de Estudos Culturais (ENECAST)*, UFBA, 2019.
- NOVAIS, Felipe Roner Vilanova; MONTE ALTO, Rômulo. Próxima parada: Manguetown — fluxos de cultura na cidade e um novo olhar devolvido ao Brasil. *Revista Literatura e Autoritarismo (UFSM)*, 2021.
- OLIVEIRA, Luciana Xavier de. *O swing do samba: o samba-rock e outros ritmos na construção da identidade negra contemporânea na mídia brasileira*. Monografia, UFRJ, 2004.
- PAULA, Benjamin Xavier de. O movimento hip hop e a construção da identidade negra/juvenil. *Revista da ABPN*, 2011.
- SANTOS, Edinéia Limeira. *Samba-rock na cidade de São Paulo: uma análise da evolução do gênero desde os anos 1970 nos bailes blacks, até o registro como patrimônio cultural imaterial*. Trabalho acadêmico, USP, 2020.
- SOUZA, Ellen Gonzaga Lima; MONTEIRO, Maurício de Sena; CAMPOS, Priscilla Marques. “Raio X do Brasil”: análises do mapeamento da cultura hip-hop nacional e sua potência educadora. *Revista Hydra*, 2025.